

Desemprego bate recorde do ano

Com taxa de 15,9% em julho, DF tem 119 mil sem trabalho, sete mil a mais do que nos meses anteriores

VÂNIA RODRIGUES

O Distrito Federal registrou em julho a maior taxa de desemprego (15,9%) do ano. O número de desempregados aumentou em sete mil, passando para 119 mil, após permanecer estacionado no patamar 112/113 mil nos quatro meses anteriores. Os dados foram divulgados ontem, pela Codeplan, Secretaria de Administração e Trabalho (SAT) e pelo Dieese — responsáveis pela pesquisa mensal de emprego e desemprego. Os números são preocupantes, segundo José Carlos de Luca, da SAT, porque 25 mil 466 (21,4%) destes trabalhadores ficaram desempregados pela primeira vez. "É o sinal de que a crise econômica está se agravando", analisou.

Para o diretor técnico da Codeplan, Paulo Timm, nos próximos meses a taxa de desemprego pode crescer ainda mais, com o aumento do salário mínimo. "Saímos de um quadro de estabilidade de quatro meses sem grandes alterações para atingirmos patamares inquietantes de 119 mil pessoas sem ocupação renumerada", ressaltou.

Mulheres — Os chefes de famílias não foram os principais atingidos. A pesquisa revela que o maior aumento da taxa de desemprego aconteceu na faixa etária de 10 a 17 e 18 e 24 anos, registrando variações de 3,8 e 1,6 pontos percentuais respectivamente. O segmento mais afetado foi o das mulheres. A pesquisa mostra redução de trabalho de 14,3% para os homens e de 18% para as mulheres. "Geralmente são balconistas ou auxiliares do

lar que perderam o emprego", explicou De Luca.

A maior redução de oferta de emprego ocorre no setor de serviços — três mil ocupações extintas —, seguido pelo comércio — duas mil vagas. As cidades-satélites mais atingidas foram Brazlândia, Ceilândia, Samambaia e Paranoá. As quatro satélites juntas somam 25 mil 347 (21,3%) trabalhadores desempregados. O Plano Piloto tem o menor índice de desemprego: dos 119 mil, apenas nove mil (7,9%) são moradores do Plano. As demais satélites juntas somam um total de 84 mil 653 desempregados.

Contraste Se o número de desempregados cresceu, o mesmo não aconteceu com o rendimento médio real dos trabalhadores, que subiu 3,9% em relação ao mês anterior, passando de Cr\$ 383 mil em maio para Cr\$ 398 mil em junho. Segundo Paulo Timm, a pesquisa verificou uma recuperação real dos rendimentos médios a partir de abril, sem contudo atingir o patamar vigente em janeiro. Ainda existe uma perda real de 3,6% no salário no período de janeiro a junho/92, concluiu.

A administração pública apresentou em julho um crescimento de três mil empregos. Este fenômeno vem sendo observado desde abril, acumulando oito mil novas ocupações. Paulo Timm explicou que mesmo tendo apresentado crescimento de empregos em algumas áreas, como o setor público, a taxa de desemprego cresceu porque as ofertas de empregos foram menores do que as reduções de cargos.

GDF pesquisa as oportunidades

Para minimizar a crise do desemprego, o GDF inicia na próxima semana um levantamento de oportunidades de geração de rendas e empregos nas satélites. Na quarta-feira, técnicos das secretarias de Administração e Trabalho, Obras Públicas e Desenvolvimento Econômico visitam Planaltina e Paranoá para estudar as alternativas de trabalho. José Carlos de Luca, da Secretaria de Administração e Trabalho, explicou que o objetivo é criar programas de aproveitamento de trabalhadores locais nas obras de infra-estrutura que vêm sendo executadas pelas administrações regionais.

José Carlos de Luca revelou que a intenção do GDF é substituir as máquinas por homens em alguns tipos de serviços. "Pode até parecer um retrocesso, mas foi o caminho que encontramos para reduzir o desemprego dos trabalhadores braçais", justificou. Ele acrescentou que a cada semana duas satélites serão visitadas pela equipe do GDF. "Esperamos reverter o quadro de desemprego antes que se agrave mais depois do aumento do salário mínimo", afirmou.

O GDF também está incentivando a indústria local. De Luca disse que já está sendo desenvolvido um programa para que as compras de uniformes escolares de 1993 sejam realizadas na indústria local. (V.R.)

Sine ainda não sentiu o efeito

Os efeitos do crescimento do desemprego ainda não se refletiram no Sine — Sistema Nacional de Emprego —, que continua atendendo mensalmente cerca de 10 mil pessoas em busca de uma colocação no mercado de trabalho. O supervisor da intermediação de mão-de-obra do Sine/DF, Alfredo Cintra, disse que a procura deve aumentar nos próximos dias. "No primeiro mês de desemprego as pessoas ainda ficam paradas porque receberam rescisão de contrato. A busca de um novo emprego geralmente ocorre no mês seguinte", explicou.

O problema mais grave, segundo Cintra, não é o aumento da procura de trabalho, mas a falta de qualificação profissional para ocupar as vagas oferecidas. Das 10 mil pessoas que procuram o Sine mensalmente, uma média de apenas 500 são encaminhadas para o mercado. "As demais, infelizmente, não têm qualificação suficiente para os trabalhos oferecidos", lamentou.

O intermediador de mão-de-obra do Sine elogiou a iniciativa do GDF em oferecer cursos profissionalizantes. "Só desta forma vamos chegar perto da realidade do mercado de trabalho e acabar com o desemprego", afirmou. (V.R.)

Paulo Cabral



O Sine atende, mensalmente, cerca de dez mil desempregados e deverá, nos próximos dias, sentir os efeitos da crise

Encontrar trabalho é cada dia mais difícil

O balconista João Francisco Rodrigues, casado, dois filhos e residente no Gama, é um exemplo das sete mil pessoas que ficaram desempregadas no último mês. "Não teve argumento, o chefe disse que a crise estava feia e me despediu", contou João Francisco, enquanto aguardava a sua vez de ser atendido no Sine na manhã de ontem. Desesperado para manter uma renda mensal, ele disse que aceita qualquer serviço. "Posso ser servente, vigia, auxiliar de escritório ou balconista, o que não posso é ficar sem salário e deixar de dar de comer para a minha família", afirmou.

O GDF também está incentivando a indústria local. De Luca disse que já está sendo desenvolvido um programa para que as compras de uniformes escolares de 1993 sejam realizadas na indústria local. (V.R.)

Antônia Mendes, também balconista, ficou sem emprego no mês de julho. Casada, uma filha e morando em Samambaia, ela tenta uma colocação imediata como garçonete ou auxiliar de artesanal. "Sei que em loja vai ser difícil conseguir emprego, ninguém tá contratando só despedindo alegando que as vendas caíram muito", Antônia disse que desde que perdeu o emprego vai duas vezes por semana no Sine na esperança de conseguir uma colocação.

Para o motorista Gilberto Vasconcelos, solteiro, morador da Ceilândia, a situação é desanimadora. "Há seis meses tento um emprego como motorista mas não consegui nada. O pior é que não sou especializado em nada", lamentou. Ele disse que está vivendo de "bicos", e que já está quase perdendo a esperança de conseguir um novo trabalho. (V.R.)

OS NÚMEROS

Período	nº	Taxa
desemp.		
Fevereiro	103 mil	14,2%
Março	112 mil	15,2%
Abri	113 mil	15,2%
Maio	113 mil	15,3%
Junho	112 mil	15,2%
Julho	119 mil	15,9%

Taxa já era esperada pela Fibra

FÁBIO OLIVEIRA

O número de desempregados, divulgado ontem pela Codeplan, de quase 120 mil pessoas, não assustou o presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), Antônio Fábio Ribeiro. Para ele, o resultado está dentro da realidade e "já era esperado". Na indústria, o número de pessoas ocupadas, segundo o levantamento, ainda mantém um nível razoável — embora esteja um pouco abaixo do início deste ano.

O crescimento do desemprego, para Antônio Fábio, só reflete o aumento da crise econômica em nível nacional.

O único medo demonstrado pelo empresário é com a possibilidade de a estagflação se confirmar. "Este fenômeno de recessão econômica aliada à inflação é o pior mal que um país pode sofrer", resumiu. Como consequência, ele teme a falência de muitas empresas,

que terminam perdendo o poder de investimento.

O presidente da Fibra não acredita em mais demissões para o futuro, pelo menos em níveis como os de julho. Nem mesmo o novo salário mínimo — que deve ficar entre Cr\$ 500 e 530 mil, segundo discussões no ministério da Economia — pode estimular novas demissões. "O novo mínimo, que entrará em vigor em setembro, é apenas a reposição da inflação dos últimos quatro meses", afirmou. Entretanto, de acordo com Antônio Fábio, novas contratações com certeza não ocorrerão.

Menores — Uma das principais preocupações manifestadas pelos empresários presentes na reunião de ontem, para comentários sobre a pesquisa de desemprego, foi com respeito ao menor trabalhador. O Estatuto da Criança e do Adolescente foi considerado um grande entrave à contratação dos menores para o trabalho. "O estatuto é lindo, muito moderno. Mas não de acordo com nossa realidade, deveria ter sido implantado na Suíça", concluiu. A pesquisa registra a maior retratação de empregos justamente nas faixas de até 17 anos.

Ainda na reunião de ontem, o Sebrae anunciou que, em 120 dias, estará funcionando plenamente uma ampla pesquisa de níveis salariais em Brasília. O projeto é piloto em todo o País e depois vai ser implantado em todos os bairros da Sebrae dos outros estados. O objetivo é atingir também o microempreendedor, pois as pesquisas do gênero que existem não abrangem quase nada deste setor.

Segundo técnicos, os resultados de cada Estado estarão à disposição das demais unidades imediatamente, tudo via computadores.

Comércio reduziu duas mil vagas

Com uma redução de 2 mil ocupações, o comércio foi uma das áreas que mais sofreram com o desemprego no mês de julho.

Para o presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, Josezito Andrade, a situação é preocupante, uma vez que não há registros de aberturas de novas empresas em Brasília. Entretanto, a quebra de emprego, segundo ele, ainda não está ocorrendo — embora não seja descartada, caso a inflação continue no patamar atual.

A principal reclamação do setor, de acordo com Josezito, é com o não-cumprimento — por parte do governo — das promessas de compras governamentais diretas do microempreendedor. "Este sistema, que poderá ajudar muito os comerciantes, ainda não foi efetivado pelo governo", lamentou. Outra reclamação é com a falta de apoio às empresas locais na construção do me-

trô. "Foi dito que seriam utilizadas empresas de Brasília para ajudar em algumas aspectos no metrô, mas isso não está ocorrendo", finalizou Andrade.

As empresas da cidade, de acordo com ele, estão plenamente capacitadas a prestar os serviços na obra. "Só estão sendo contratadas empresas de outros estados", disse. As principais construtoras trazem seus profissionais dos locais de origem, como a Andrade Gutierrez, de Minas Gerais, e a Odebrecht, da Bahia. Caso algumas oportunidades fossem dadas aos empresários locais, acredita Andrade, Brasília poderia criar alguns novos empregos durante este período de recessão nacional.

Futuro — Quanto às perspectivas futuras, o presidente da associação divide-se entre o otimismo e o pessimismo. Segundo ele, não há mais

o que se enxugar em termos de mão-de-obra no comércio. "As empresas estão trabalhando no limite mínimo de empregados". Com relação a novas contratações, as possibilidades são mínimas, principalmente em decorrência do novo salário mínimo.

"Para quem for receber é muito pouco, mas para quem paga é demais", disse, lembrando que os encargos sociais praticamente dobraram o valor pago ao empregado.

Um curto prazo, Andrade espera por uma atitude do governo do DF sobre uma sugestão enviada pela Associação Comercial, que solicita a diminuição das alíquotas de ICMS. Esta medida causaria uma redução imediata dos preços e consequentemente um aumento nas vendas. "O governo perde receita na venda de um produto, mas ganha no final, pois serão vendidos muito mais produtos", concluiu. (F.O.)